

A Cúpula do Alasca de 2025

Nada de novo debaixo do sol. A expressão bíblica, extraída do livro de *Eclesiastes*, parece resumir com precisão a recente cúpula realizada entre o presidente estadunidense Donald Trump e seu homólogo russo, Vladimir Putin.

O encontro, concebido por dois líderes veteranos que pareciam revisitar os tempos em que seus países ditavam os rumos do mundo, teve como pauta central a Guerra da Ucrânia – ou, como Moscou a define, a “Operação Militar Especial”. As raízes desse conflito são antigas, e mesmo longas aulas de história acompanhadas de leituras especializadas dificilmente esgotariam o tema. Portanto, caros leitores, não nos propomos a tal façanha.

Rússia e Ucrânia integraram o mesmo país até 1991. Grande parte do que a mídia apresenta sobre a questão é superficial. Geograficamente, a Crimeia é o ponto central. Nela se encontra a robusta base militar russa de Sebastopol, ainda que a península tenha pertencido oficialmente à Ucrânia até ser anexada pelos russos em 2014.

A importância da região não é novidade. A Guerra da Crimeia (1853–1856), travada entre a Rússia e uma coalizão liderada pelo Reino Unido, já aparece inclusive na literatura brasileira, como em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Essa relevância geopolítica, embora distante de nossas terras, permanece essencial para compreender a atual cúpula realizada no Alasca, em 2025.

Controlar a Crimeia e manter ali uma forte base naval representa intimidação e projeção de poder no Mar Negro, além de garantir influência russa, pela força, sobre países como Ucrânia, Romênia, Bulgária, Moldávia e Geórgia. Esse é o ponto de partida fundamental para entender a Cúpula do Alasca.

Para a Rússia, a invasão da Ucrânia – de forma secundária – também foi uma estratégia de conquistar territórios com grandes populações russas, legitimando assim a posse da Crimeia. Impor a Kiev a impossibilidade de ingressar na OTAN e na União Europeia, além de limitar o tamanho de seu exército, é um modo de exercer poder geopolítico sobre todos os países do Mar Negro. Ao mesmo tempo, emite um alerta a aliados russos e àqueles que migraram para a OTAN.

O Alasca – que já pertenceu à Rússia e foi vendido aos Estados Unidos em 1867 – foi o local escolhido para decidir o futuro da Ucrânia, sem a presença do líder ucraniano. Uma cena que remete aos tempos da Guerra Fria, quando bastava às duas superpotências definirem os rumos do mundo. Ingênuo? Talvez. O fato de a Força Aérea dos Estados Unidos sobrevoar o encontro com o bombardeiro estratégico B-2 Spirit, avaliado em dois bilhões de dólares, parece reforçar essa percepção.

Em 2025, o presidente dos Estados Unidos se vê em posição desconfortável: descobriu que seu país já não é a principal potência econômica global – papel hoje ocupado pela China; constatou que uma Rússia fragilizada ainda é capaz de desafiar a América e a OTAN militarmente; percebeu que o Brasil se antecipou a esse cenário há vinte anos, com a criação dos BRICS, e que medidas protecionistas isoladas não farão da América Latina o quintal de ninguém, como ainda sonha Marco Rubio, atual Secretário de Estado

estadunidense; verificou que a Índia consolidou-se como potência econômica mantendo laços históricos com Moscou; e que todos esses países estão unidos no seio dos BRICS. Descobriu ainda que os EUA bancaram a segurança europeia por 70 anos, a um custo altíssimo para sua população.

Diante desse imenso leite derramado, a águia estadunidense tenta recuperar o prestígio inabalável de outrora. Num cenário fluido e em um mundo multipolar – realidade defendida por este autor desde 2008 – observa-se uma mídia ávida por registrar seu lugar na História, embora talvez essa própria História, como advertiu Francis Fukuyama, já tenha se esgotado. Muito se noticiou após a cúpula de três horas, mas os principais atores de 2025, na verdade, não estavam presentes. Como adverte o *Eclesiastes*: nada de novo debaixo do sol.

Ivan Santiago – Geógrafo e gestor de negócios imobiliários em Piracicaba-SP